

UEM

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM PESQUISA EDUCACIONAL – TURMA IV**

JACKELINE HOSNER BORGES

**O BERÇO DA EDUCAÇÃO FEMININA NO PARANÁ: UMA HISTÓRIA
DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DE LOURDES CURITIBA/PR**

JACKELINE HOSNER BORGES

**MARINGÁ
2013**

2013

UEM

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM PESQUISA EDUCACIONAL – TURMA IV**

NOME DO AUTOR

**O BERÇO DA EDUCAÇÃO FEMININA NO PARANÁ: UMA HISTÓRIA
DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DE LOURDES CURITIBA/PR**

JACKELINE HOSNER BORGES

**MARINGÁ
2013**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM PESQUISA EDUCACIONAL – TURMA IV**

**O BERÇO DA EDUCAÇÃO FEMININA NO PARANÁ: UMA HISTÓRIA DO
COLÉGIO NOSSA SENHORA DE LOURDES DE CURITIBA/PR**

Monografia apresentada por JACKELINE HOSNER BORGES NADALUTI ao Departamento de Fundamentos da Educação, da Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para a obtenção do título de Especialista em Pesquisa Educacional.

Orientador:
PROFESSOR. ME. ALESSANDRO SANTOS DA ROCHA.

MARINGÁ
2013

FICHA CATALOGRÁFICA:

Deverá ser impressa no verso da folha de rosto.

Para confecção da Ficha Catalográfica, o aluno deverá levar um exemplar impresso da Monografia à Biblioteca Central da UEM. Agendamentos e informações: HTTP: WWW. bce. UEM, br/sib/catalogacao.

E-mail: bce-pte@uem.br

Fone: (44)3011-4486 / (44)3011-4483

JACKELINE HOSNER BORGES

**O BERÇO DA EDUCAÇÃO FEMININA NO PARANÁ: UMA HISTÓRIA DO
COLÉGIO NOSSA SENHORA DE LOURDES DE CURITIBA/PR**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Alessandro Santos da Rocha
(Orientador) – UEM

Prof. Ma. Maria Simone Jacomini Novak –
UNESPAR-FAFIPA

Prof. Me. João Paulo Pereira Coelho - UEM

Data de Aprovação

*A memória da minha mãe Erna Hosner Borges
e ao meu filho Arthur.*

AGRADECIMENTOS

Ao Convento do Colégio Nossa Senhora de Lourdes.

Às Irmãs Maria Nely Giral dini e Zenaide Bortoluzzi as quais me receberam com muito carinho e atenção para a confecção desse trabalho.

À Gestora Cleide Barbosa do Colégio Bom Jesus.

Às minhas colegas do Curso de Pós-Graduação em Pesquisa Educacional – Turma IV, pela amizade e apoio.

Aos professores da Pós-Graduação em Pesquisa Educacional – Turma IV, e em especial ao meu orientador, Prof. Alessandro Santos da Rocha.

De forma muito especial à memória de minha mãe, que escolheu o Colégio Nossa Senhora de Lourdes como “berço” para minha educação.

Educar uma filha é educar a própria sociedade. A sociedade procede da família, cuja harmonia é a mulher. Educar uma filha é uma obra sublime e desinteressada. Pois tu só a crias, ó mãe, para que ela possa deixar-te e fazer-te sangrar o coração. Ela está destinada a outro. Viverá para outros, não para ti e não para ela. É esse caráter relativo que a põe acima do homem e faz dela uma religião. Ela é a chama de amor e a chama do lar. É o berço do futuro, é a escola, outro berço. Em uma palavra: Ela é o altar (MICHELET, 1995, p. 84).

BORGES, JACKELINE HOSNER. **O BERÇO DA EDUCAÇÃO FEMININA NO PARANÁ: UMA HISTÓRIA DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DE LOURDES DE CURITIBA/PR.** 49fls. Monografia (Especialização em Pesquisa Educacional – Turma IV) – Universidade Estadual de Maringá. Orientador: (Alessandro Santos da Rocha). Maringá, 2013.

RESUMO

A pesquisa apresenta um histórico da Educação Feminina no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, situado na cidade de Curitiba-Pr. Dentre os objetivos elencados para o estudo está a forma pela qual as meninas, moças e mulheres eram preparadas para participar de uma sociedade em transição, desvelando-se as exigências postas pelo Brasil oitocentista e que adentraram o século XX. Naquele período, o modelo educativo privilegiava a formação da boa esposa e da mãe exemplar. O Colégio Nossa Senhora de Lourdes, foi construído do bairro do Cajuru e fundado em 1907, pela Congregação das Irmãs de São José de Chambéry, denominação francesa que aportou no Brasil em 1858. Para a pesquisa utilizamos o método da pesquisa bibliográfica e documental. No que tange ao contexto histórico dos finais do século XIX, significativo para caracterizar a educação feminina e religiosa do Colégio, foram utilizadas referências bibliográficas voltadas para a História do Brasil e para a História da Educação. Já no que se refere ao levantamento documental, utilizamos um guia Histórico datado de 1956, com autoria atribuída a Madre Leónie, uma das mais importantes gestoras do Colégio. Ressaltamos ainda que, a Comunidade das Irmãs do Colégio Nossa Senhora de Lourdes foi extinta em 1999, passando a administração para a Congregação da Associação Franciscana Bom Jesus, atualmente Colégio Bom Jesus.

Palavras-chave: Educação Feminina. Ensino Religioso. Colégio Nossa Senhora de Lourdes.

BORGES, JACKELINE HOSNER. THE BIRTHPLACE OF FEMALE EDUCATION IN PARANÁ, BRAZIL: A HISTORY OF COLLEGE NOSSA SENHORA DE LOURDES OF CURITIBA/PR. 49fls. Monograph (Specialist in Educational Research) – State University of Maringá. Supervisor: (Alessandro Santos da Rocha). Maringá, 2013.

ABSTRACT

The research presents a history of Female Education in Nossa Senhora de Lourdes College, located in Curitiba-Pr. Among the goals listed for the study is the way in which girls, girls and women were prepared to participate in a society in transition, is unveiling the requirements posed by Brazil entered the nineteenth and twentieth century. At that time, the educational model favored the formation of the good wife and exemplary mother. The College of Nossa Senhora de Lourdes College, was built in the neighborhood of Cajuru and founded in 1907 by the Congregation of the Sisters of St. Joseph of Chambery, French appellation that landed in Brazil in 1858. For research we used the literature and documents. Regarding the historical context of the late nineteenth century, to characterize significant female education and religious College, were used references focused on the history of Brazil and the History of Education. In what refers to the documentary survey, we used a guide history dating from 1956, with authorship attributed to Mother Leonie, one of the most important management of the College. We also emphasize that the Community College of the Sisters of Nossa Senhora de Lourdes College was abolished in 1999, passing the administration of the Congregation of Franciscan Association Bom Jesus, Bom Jesus College currently.

Keywords: Female Education. Religious Education. Nossa Senhora de Lourdes College.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 CONSERVADORISMO VERSUS REFORMISMO NO BRASIL OITOCENTISTA .	13
3 A CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS DE SÃO JOSÉ E A IDEALIZAÇÃO DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DE LOURDES.....	18
3.1 Escolas para mulheres no século XIX.....	18
3.2 A Instalação da Congregação das Irmãs de São José.....	20
4 O BERÇO DA EDUCAÇÃO FEMININA NO PARANÁ: O ENSINO NO COLÉGIO NOSSA SENHORA DE LOURDES	26
4.1 Os primeiros tempos do Colégio Nossa Senhora de Lourdes.....	26
4.2 A Educação Feminina no Colégio Nossa Senhora de Lourdes.....	28
CONCLUSÃO.....	37
REFERÊNCIAS.....	39
ANEXOS	41

1 INTRODUÇÃO

O crescimento da educação religiosa, voltada para meninas, moças e mulheres no Brasil, foi concretizado com a união da Igreja Católica e da oligarquia, contando com o apoio do Estado. O quadro que se configurou durante todo o período colonial, estende e consolida-se no Brasil Império, deixando seu legado até os primeiros anos do século XX.

A partir da afirmação acima, o presente estudo retrata a necessidade de uma educação voltada para o desenvolvimento econômico e social do Brasil, evidenciando o século XIX e suas decorrências para o processo formativo dos primeiros anos do século XX, em especial, ao empreendido pelas Irmãs da Congregação de São José, responsáveis pela direção do Colégio Nossa Senhora de Lourdes de Curitiba.

Partindo de estudos feitos em relação à Educação Feminina no Brasil, podemos perceber as dificuldades enfrentadas pelas mulheres para conquistar seu espaço e a garantia de um ensino mais moderno com formação acadêmica e profissional. Assim, privilegiou-se no final dos anos oitocentos e na primeira metade do século XX, um modelo educativo para que as mulheres fossem boas mães e esposas exemplares.

A família, baseada em um modelo patriarcal, não aceitava novidades progressistas tão propalados nos ambientes urbanos. A aliança entre a educação a Igreja Católica cumpria o papel de transmitir os conhecimentos que contribuíam para a reprodução daquela sociedade, que ainda ecoava o patriarcalismo.

Certamente, a chegada dos imigrantes e dos ideais estrangeiros, sobretudo os afrancesados, fizeram com que novos costumes surgissem no Brasil e com ele uma nova preocupação, a sociedade precisava sofrer transformações para acompanhar o progresso e o desenvolvimento. Porém, num primeiro momento não se poderia macular as virtudes femininas.

E com essa preocupação, foram criadas Escolas Femininas Católicas que objetivavam empreender o ensino sem preocupações acadêmicas e profissionais, mas fazendo valer os refinamentos franceses, os quais eram ensinados em aulas de boa postura, a exemplo dos que faziam parte do currículo do Colégio Nossa Senhora de Lourdes.

A partir das afirmações acima, o presente trabalho divide-se em três capítulos. No capítulo intitulado, ***Conservadorismo versus Reformismo no Brasil oitocentista***, desvela-se os fatores que perfazem a História da Educação Feminina, evidenciando a necessidade de uma educação para a mulher no século XIX. No caso brasileiro, à chegada das freiras francesas contribuiu para a fixação de escolas religiosas, as quais interessavam formar às mulheres para serem donas de casa, mantendo-as longe da influência da Modernidade.

O capítulo que leva o título de, ***A Congregação das Irmãs de São José e a Idealização do Colégio Nossa Senhora de Lourdes***, versa sobre o processo de fundação da congregação francesa; a vinda das irmãs para o Brasil; e, a construção do Colégio Nossa Senhora de Lourdes em Curitiba, apresentando desde a escolha do bairro e as dificuldades que balizaram a construção do prédio que abrigaria o pensionato, o colégio e as demais dependências para alunos e religiosos.

No último capítulo, ***O Berço da Educação Feminina no Paraná: o Ensino no Colégio Nossa Senhora de Lourdes***, discutimos o modelo de educação feminina, mencionando o currículo presente na instituição de ensino e as transformações ocorridas ao longo dos anos em que a o Colégio tinha a predominância de um ensino voltado para o refinamento social. Entende-se que o formato educativo permaneceu por anos, desse modo, a análise abrange até o século XX, fazendo menção as datas e períodos que ratificaram os interesses da educação feminina na cidade de Curitiba.

A pesquisa que ora se apresenta, teve por base a pesquisa bibliográfica. Cotejamos autores que abordam a História da Educação Feminina, bem como estudiosos que versam sobre a história do século XIX. Também utilizamos da pesquisa documental para perfazer o percurso histórico do Colégio Nossa Senhora de Lourdes. Desse modo, o trabalho procura contribuir com a História da Educação ao recontar a história de um colégio significativo para Curitiba e para o Paraná.

O Pesquisador como aluno do Colégio Nossa Senhora de Lourdes teve o interesse em buscar dados concretos da história do Colégio, situado no mesmo bairro, mas agora sob a administração do Colégio Bom Jesus.

2 CONSERVADORISMO VERSUS REFORMISMO NO BRASIL OITOCENTISTA

O presente capítulo pretende discutir o contexto político e social do Brasil na segunda metade do século XIX, considerando as questões que interferiram no modelo educativo pensado para as meninas, moças e mulheres. Para empreender tal objetivo, elencamos alguns autores que tratam das particularidades de um período ímpar da formação da nação brasileira.

Ressalta-se que as análises da presente pesquisa se detiveram numa conjuntura que deixou como legado um modelo educativo fundamentado no discurso progressista, ao mesmo tempo em que se valia de um ideário conservador, como pode ser exemplificado com a Educação Feminina.

A estrutura social presente no fim do período colonial, que tangencia o fim da primeira década dos anos oitocentos, indicava a coexistência de uma nova elite em franca consolidação, mas que enfrentava problemas ao se esbarrar na predominância das famílias tradicionais. Por diversas vezes os interesses dados pela tradição entraram em conflito com o discurso progressista, já que os [...] setores novos das elites agrário-mercantil-exportadoras [se lançaram] num projeto de modernização relativa do país e disputaram o poder [com] às elites tradicionais (VIOTTI, 1999, p.12).

A bibliografia que cerca o século XIX nos mostra que o período foi de intenso movimento em setores distintos. Alguns segmentos lutavam pela ampliação da concepção de cidadania, enquanto outros pediam a manutenção da ordem social que estava posta. Autores como José Murilo de Carvalho (2007), Angela Alonso (2002), Emilia Viotti (1999) revelam a pluralidade do pensar oitocentista.

Para José Murilo de Carvalho (2007) as lutas sociais estavam por conta dos problemas colocados por vertentes conservadoras em detrimento de propostas progressistas e reformistas, que alcançaram seu auge nos anos de 1860. Para abarcar ainda mais o debate, uma gama de reivindicações políticas tornavam o debate ainda mais radical.

Os temas do radicalismo dos anos 1860 eram um passo à frente do programa progressista e reformista. O centro do debate continuava sendo a luta contra o que se considerava o peso do Poder Moderador, causa de despotismo, corrupção, egoísmo,

subserviência, centralização. Contra isso, pregava-se a democracia, a soberania nacional, o espírito público, a independência e a descentralização. Concretamente, as reformas políticas se desdobravam nas propostas de extinção do Poder Moderador, da Guarda Nacional e do Senado vitalício, de eleições diretas, de independência do Judiciário, de eleição dos presidentes de província [...] (CARVALHO, 2007, p. 34).

O grande número de mudanças solicitadas para a política somava-se a outras tantas que pediam transformações na forma de pensar. De maneira exemplar, para a educação eram requeridos formatos mais cientificistas e liberais. Como menciona o próprio Carvalho (2007, p. 34): “Outras reformas propostas tinham a ver com a liberalização da sociedade”.

Angela Alonso (2002) também vislumbra as mudanças na sociedade oitocentista, mas para a autora as exigências eram fruto de uma “intelectualidade em movimento”. Segundo a autora, a intelectualidade selecionou temas que deveriam alterar toda a estrutura que estava vigente. Assim, formaram-se redes de sociabilidade, compostas por homens notórios, denominados de intelectuais, que manifestavam o seu descontentamento.

Os intelectuais oitocentistas trouxeram para o cenário oitocentista as propostas que vigoravam em outros ares, como os que pairavam na sociedade européia. Vejamos a defesa de Alonso (2002, p. 40):

O repertório político-intelectual europeu auxiliou o movimento da geração de 1870 a exprimir de maneiras sistemáticas e organizadas suas críticas aos modos de pensar e de agir da elite imperial. Suas obras tomavam partido no debate político. Tinham, pois, um caráter deliberativo de intervenção política.

Tendo em vista os inúmeros movimentos que pediam transformação política e social, observa-se que os conflitos eram latentes em diversas situações, sendo que a Educação não fugia ao debate. No terreno educativo o modelo em vigor era o encabeçado pela Igreja Católica, que apesar de encontrar dificuldades, continuava a manter sua hegemonia. Para além, a Educação Católica era julgada por setores progressistas como um modelo conservador, fazendo-se necessário efetivar mudanças que pudessem dinamizar o ensino e, conseqüentemente, ampliar as possibilidades de enquadrar o Brasil aos novos tempos.

Dessa maneira é imperioso entender o processo de transformação, que trazia consigo um novo ideal de educação, que afirmava outra postura para o cidadão a partir do crescimento intelectual e profissional pautado em bases progressistas, mas que não ignorava a moral conservadora.

O ensino formal oitocentista estava restrito aos homens em quase sua totalidade. Além disso, tinha acesso às escolas os sujeitos provenientes das classes mais abastadas. Já para a mulher cabia uma educação conservadora, ou seja, afastada do ideário progressista e que pudesse atender aos seus ideais de esposa, mãe e “boa senhora”. Nessa perspectiva, temos que:

A mulher, essa tratada geralmente com superioridade pelo marido, quase senhor em relação à própria esposa, enclausurada na casa grande e nos sobrados, sufocada na sua personalidade, consagrava-se aos mistérios da casa e aos cuidados dos filhos (MANOEL, 2008, p. 24).

Como se observa na citação acima, a mulher era educada para ser esposa e estava alheia ao mundo do trabalho livre. Perante toda essa falta de possibilidades havia também pouco espaço para a participação feminina no processo político, o que resultava na exclusão da mulher do processo formal de transformação social. Moças, meninas e mulheres também eram afastadas das novidades intelectuais que estavam chegando para aquela sociedade. Dito de outro modo, a projeção feminina devia se basear no trabalho doméstico, no cuidar dos filhos e no ser boa esposa.

Porém, além das funções de mãe e esposa, cabia a mulher o papel de transmitir oralmente os valores do Catolicismo. Vale lembrar que essa função não era restrita a Igreja, mas seguia numa tradição oral que reafirmava os dogmas católicos.

No mesmo sentido atuava o Catolicismo, religião baseada essencialmente na comunicação oral dos dogmas do cristianismo, dispensando a leitura e a crítica dos fiéis, fazendo da cultura um privilégio dos homens da Igreja (VIOTTI, 1999, p. 238).

As relações sociais das mulheres eram circunscrita ao lar [...] as mulheres de alta classe não eram vistas nas ruas ou em outros lugares públicos com exceção da Igreja (VIOTTI, 1999, p. 24). Pelo que se observam as relações sociais só

alcançavam o espaço público quando aconteciam reuniões e/ou cerimônias na Igreja.

Esse costume de limitar as relações sociais das mulheres era visto como algo natural, ainda que, nas cidades maiores, como em São Paulo e no Rio de Janeiro. Gradativamente, as mulheres dos segmentos mais elevados começaram a frequentar pequenos bailes familiares e teatros, bem como a fazer compras no comércio, seguindo uma tradição afrancesada (MARTINS, 2010).

Entretanto, essa participação feminina ainda era tímida para o século XIX, não colocando em risco o modelo patriarcal e as relações sociais que o caracterizavam. Evidente que, para refrear um pensamento contestatório vindo do feminino coletivo, que pudesse questionar a sociedade vigente, foram cunhados modelos de educação feminina em diversas partes do país, deixando as mulheres em atividades que elas poderiam realizar.

Certamente, as mulheres que passaram a requerer o processo educativo formal eram em sua maior parte procedentes da “nova elite agrário-mercantil-exportadoras”. As que compunham o modelo conservador pouco questionavam a postura patriarcal que imperava. Do mais, as características da nova elite iam ao encontro de vários fatores novos, como os econômicos e políticos, que também suscitavam outras formas de convivência e de consumo. A nova elite se formava num intercâmbio estrutural, conforme é ratificado abaixo:

E esse [o intercâmbio cultural] é um elemento fundamental para se entender a elite política: ela não se restringe genericamente a semelhanças de origem econômica, social ou cultural, mas de a coordenada capacidade de intercâmbio estrutural. O fator econômico, burocrático, religioso e intelectual, entre outros, fornece todas as condições para o mecanismo de reprodução social desse segmento (NORONHA, 2008, p. 27).

As modificações na estrutura patriarcal eram entendidas como a via capaz de fornecer a flexibilização da sociedade, tornando-a menos conservadora. As mudanças na estrutura patriarcal também favoreceriam a nova forma de organização social, praticamente impossível em momentos anteriores, que pouco serviria para consolidar a elite política que se erguia.

Enfim, o número de mudanças ocorridas no período demonstra que o século XIX foi bastante generoso com o Brasil, sendo nele se deu desde a abertura dos

portos, e com eles a chegada de imigrantes no Brasil, de novos costumes, comportamentos e pensamentos que foram se espalhando vagarosamente. Em paralelo, uma nova elite foi tomando seu espaço e exigindo uma definição mais sólida em relação à educação. Com o novo contexto, a mulher precisava de uma educação mais adequada para facilitar o contato com as novidades que se instalava no Brasil.

3 A CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS DE SÃO JOSÉ E A IDEALIZAÇÃO DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DE LOURDES

3.1 Escolas para mulheres no século XIX

O quadro histórico posto para o Brasil do século XIX gerou inovações sociais e, conseqüentemente, mudanças no modelo educacional. No que tange a Educação Feminina, verifica-se que os anos oitocentos do século passado não foram capazes de alterar a função da mulher: ser dona de casa para uma sociedade que estava se modernizando. A educação era quase uma dádiva, do mais, “A educação, neste contexto, é vista como uma missão, uma vocação religiosa” (OLIVEIRA, 2008, p. 03).

Entretanto, também não se pode negar que gradativamente as mulheres passaram a reclamar a instrução, a leitura e também uma maior participação social. “[...] Em outras palavras, era necessário educar e cultivar as jovens” (MANOEL, 2008, p. 25).

O processo educativo formal exigia que escolas fossem abertas. Para um período em que a maioria social era analfabeta o pedido de abertura de escola passava por complexidades. Oras, se a educação tende a atender os interesses sociais, certamente seria imprescindível, em primeiro lugar, alfabetizar e depois cuidar da formação profissional. Todavia, esse modelo era voltado para a educação masculina, enquanto as mulheres deveriam ser educadas para os serviços que lhe competiam, o lar, em consonância com a leitura, escrita e moral cristã. O debate que se fez na segunda metade dos anos oitocentos descendia desde o final da década de 1820.

Mas para isso era necessário escolas, [...] desde o Decreto de 15 de outubro de 1827, o Governo Imperial havia estabelecido um currículo não profissionalizante para a educação feminina, voltado para a formação de donas-de-casa, composto das seguintes disciplinas: leitura, escrita, quatro operações, gramática, moral cristã, doutrina católica e prendas domésticas (MANOEL, 2008, p. 25).

As tentativas em abrir escolas foram muitas, mas as dificuldades financeiras, a falta de recursos, como professores e materiais didáticos dificultavam o processo. Para amenizar a situação, os integrantes daquela sociedade que possuíam uma melhor condição financeira contratavam professores para dar aulas em suas casas para as filhas. Outros as enviavam para os “colégios internos” em outras províncias, mas eram poucas as que conseguiram se manter em funcionamento, pela má qualidade do ensino oferecido (MANOEL, 2008, p. 29).

Contudo, as condições do século XIX criaram a necessidade de educar a mulher, para preconizar o processo de transformação da sociedade, sendo que esse caminho seria traçando com o apoio da Igreja Católica. Foram “[...] quase quatrocentos anos de vivência nos quadros rígidos do tradicionalismo patriarcal, em que a tônica fora a ignorância e a submissão das mulheres” (MANOEL, 2008, p. 33).

Dessa maneira os movimentos feministas se fortaleceram com a ajuda da imprensa, que em determinados jornais e revistas, expressava os direitos que as mulheres pretendiam alcançar, a exemplo do direito ao voto; o ingresso ao ensino superior e a profissionalização, pela qual também eram proibidas.

Em 1851, o Barão do Rio Branco José Maria da Silva Paranhos, em uma série de artigos de jornal [...] definiu um projeto de revolução dentro da ordem [...] a qual deveria constituir-se apenas de prendas domésticas e outras disciplinas que pudessem formar damas prendadas e boas donas-de-casa, e [...] postulava não aceitar a concessão de direitos políticos às mulheres porque [...] Deus nos livre de um mulherio eivado dessa lepra. Onde iríamos parar com essa República de publicistas de saias, quem iria resistir à sedução dessas vardas (MANOEL, 2008, p. 35).

A emancipação feminina não era bem aceita, respondendo ainda a pressão em relação a um modelo educativo baseado no conservadorismo. Vale dizer que os setores mais conservadores se aliaram ao catolicismo para educar as meninas de acordo com os princípios da Igreja Católica, a qual afirmava que “[...] Deus e a natureza lhe teriam reservado os trabalhos domésticos ou, no máximo, as tarefas assistenciais” (MANOEL, 2008, p. 37).

Seguindo a mesma perspectiva de Manoel (2008), Oliveira (2008) analisa a educação feminina através de um movimento que revela a resistência das mulheres dentro das ambigüidades sociais colocadas pelo patriarcalismo rural.

O acesso de meninas às escolas vai ser protagonizado por mulheres que viveram as ambigüidades da existência social, ora conformando-se, ora resistindo na relação de interdependência com os vários outros que compõem a teia de relações sociais (OLIVEIRA, 2008, p. 03).

Mesmo as ambigüidades sociais não foram suficientes para fazer com que a Educação Feminina sofresse alterações marcantes, consolidando-se através de um ensino fundamentado em dogmas religiosos, condizente com os princípios do catolicismo. O ensino ofertado pelas Irmãs de São José se enquadra nessa perspectiva.

3.2 A Instalação da Congregação das Irmãs de São José

A Congregação das Irmãs de São José é uma das mais antigas do Paraná com o lema de fazer obras de caridade. Sua instalação no Paraná data de 1896. Contudo, a congregação tem um histórico de criação que remonta aos meados do século XVII, sendo originária da França e fundada na pequena cidade de Puy.

A Congregação foi institucionalizada pelo Monsenhor Henri de Maupas, bispo de Puy, na região Haute-Loire a pedido do Padre Jean Pierre Médaille, da Companhia de Jesus. O processo que originou a congregação demonstra que desde 1646, o Padre Médaille começou a organizar grupos de “[...] três ou quatro moças dispostas ao trabalho junto às pessoas, e não voltadas ao recolhimento em monastérios, para o que, de resto, não dispunham de recursos para compor o dote de ingresso exigido nas congregações existentes” (CARDOSO FILHO, 2009, p. 79).

Na data de 15 de outubro de 1648, numa festa em homenagem a Santa Teresa, o Monsenhor de Maupas reuniu as primeiras companheiras, que iriam habitar o orfanato de Montferrand, o qual mais tarde tomou dimensões grandiosas e serviu como local para congregar as irmãs de São José.

Somente no ano de 1651, a Congregação das Irmãs de São José ganhou um ato oficial, quando Monsenhor de Maupas veio a publicar cartas que estabeleciam as normas das filhas de São José e dar-lhe incentivo financeiro para servir os pobres, enfermos e formar as crianças. Diferentemente de outras congregações

religiosas, as irmãs de São José não estavam voltadas para a clausura; ao contrário, desenvolviam as “[...] atividades de cunho assistencial e educativo, na aplicação prática do mandamento da caridade proposto como central pelo cristianismo”. (CARDOSO FILHO, 2009, p. 81).

É importante observar que os atos de fundação da referida congregação contaram com o apoio monárquico, apoiado em decisões do Rei Luiz XIV, que a partir de 1665 passou a insistir na abertura de escolas, colocando as irmãs na tarefa da educação das crianças e da juventude.

Em janeiro de 1674, Luiz XIV confirmou a construção dos primeiros estabelecimentos de atendimento prestados pelas irmãs da congregação recém-nascida. As cidades escolhidas foram Le-Puy e Saint Didier, onde as irmãs passaram a se dedicar à educação de órfãos, a instrução de jovens, a visita aos hospitais e doentes e, também, as famílias mais pobres.

O contexto histórico francês que circunscreve a criação da congregação revela características singulares do período que antecedeu a Revolução Francesa. A França passava por um período de mazelas sociais que gerava revoltas nos quatro cantos do país, sobretudo, com a formulação dos conceitos de Estado-nação. (HOBBSAWM, 2010).

A instabilidade social, frente às revoluções que pediam a consolidação da burguesia no poder, também requeria outras formas sociais, como por exemplo, a laicização do Estado. Desse modo, a missão das irmãs de São José, mesmo que desempenhada de forma a valer a caridade, não podia ser visto como algo desprovido de proselitismo religioso contrário aos ideais revolucionários. Justifica-se assim que, em 1794, durante a revolução, elas – as irmãs de São José – permaneceram na rotina missionária, mas foram perseguidas e algumas, até mesmo, foram aprisionadas e cinco foram para guilhotina (COLÉGIO..., 1956, p. 14).

De acordo com o Histórico que conta a criação da congregação temos que: “A Congregação de São José regou com lágrimas, durante os anos da perseguição, as plantas de seu místico jardim: fecundou-se com o sangue de suas mártires!”.

Após a Revolução, as religiosas de São José deram início as obras de restauração das comunidades e paróquias por onde passavam e, que de algum modo, haviam sido afetadas pelo processo revolucionário. Após o período de perseguição, as irmãs foram chamadas pelo Cardeal Fesch para metrópole de Lyon (1816). (COLÉGIO..., 1956, p.20).

“No dia 15 de janeiro de 1815, o Rei Luiz XVIII permitia-lhes a volta das Irmãs à casa de Montferrano, o caro berço das filhas de São José” (COLÉGIO..., 1956, p. 16). Doze anos depois se transforma na “Casa Central” com mais de 52 comunidades na sua dependência, e outras que eram fundadas paulatinamente.

Durante o século XIX, o número de membros aumentou cada vez mais e se tornou possível atender ao pedido de outros Bispos, para atender aos anseios missionários em suas obras. O reconhecimento dos trabalhos realizados pelas Irmãs de São José ultrapassou o limite da França e verificou-se a fundação de casas na Itália, atingindo a Sabóia em 1812 com a comunidade de Chambéry.

Em 1830 foram enviadas algumas irmãs missionárias para as margens do São Lourenço à costa do Pacífico. No ano de 1856 a Congregação chega à América do Norte e atinge o número de vinte e duas “casas mães”¹ nos Estados Unidos e de seis no Canadá. Em Buenos Aires as primeiras irmãs chegaram em 1882, sendo que no ano de 1896 a Congregação se tornou próspera e autônoma, com o estabelecimento da Província da Casa Mãe de Saint Jean de Maurienne.

Buscando a expansão da Congregação, a Superiora Geral, Rvda. Mére Adéle, que habitava o convento de Chambéry, incentivou a criação de “novas obras no além-mar”. Foi no ano de 1894 que as preces da Rvda. Mére Adéle parecem ter sido ouvidas. O então bispo do Paraná, D. José de Camargo, precisava das filhas de São José para a direção das Santas Casas de Curitiba e Paranaguá. Foi assim que a Superiora Geral de Moutiers, Rvda. Mére Jacynthe, atendendo ao pedido da Superiora Geral de Chambéry, Rvda. Mére Adéle, respondeu ao convite: “Se me permítes, externar meu pensamento, creio que esta fundação vos verá grandemente vantajosa; a língua não é difícil, o clima é ótimo e é terra onde há um bem imenso a fazer” (COLÉGIO..., 1956, p.19).

Com os interesses postos pelo Bispo do Paraná, foram enviadas seis religiosas e dois sacerdotes capelões para a província. Os religiosos partiram em 23 de junho de 1896 da “Macedônia”, e desembarcaram em Paranaguá no dia 28 de julho. A comitiva seguiu para a capital paranaense e foram recebidos por D. Camargo e pelos administradores da Santa Casa. Na ocasião se instalaram no Convento “Santos Anjos”.

¹ Casas mães: Locais de abrigo para órfãos, similares aos orfanatos.

A situação em que se encontrava a Santa Casa era lastimável devido a Revolução Federalista de 1894 ocorrida em Curitiba. Com isso se abriu um vasto campo de ação para as irmãs a frente da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba, na qual chegaram a atender 400 doentes no período.

Nos anos que seguiram outras irmãs vieram para Brasil no intuito de praticar a caridade. Exemplarmente, em 14 de março de 1897 mais seis Irmãs chegaram à Guanabara para trabalhar na Santa Casa daquela cidade. Em 18 de novembro de 1898, um novo grupo com oito irmãs desembarcou no Brasil juntamente o capelão Rvdo. Padre Michel; a caravana seria a responsável por fundar no Rio Grande do Sul a terceira Província das Irmãs de São José.

Diante do exposto, percebe-se que a Congregação das Irmãs de São José se instalou em vários Estados no Brasil. A forma de organização dominante foi o internato. Com o objetivo de formar a mulher nos princípios cristãos e servir de exemplo para outras escolas. Sem dúvida, o modelo educativo era inspirado nos moldes conservadores em vigência.

A educação religiosa, proposta pela Congregação das irmãs de São José, encontrava-se com o tipo de sociedade existente no Brasil. Desse modo, a população auxiliou a congregação francesa em vários aspectos, inclusive, financeiramente. O Padre Miguel Corrêia Pacheco, vigário de Itú de São Paulo, fez uma doação em dinheiro para a viagem das Irmãs.

No Paraná, as Irmãs de São José tiveram a oportunidade de iniciar a construção de um Pensionato em forma de Escola no ano de 1906. O local era conhecido como Cajuru e estava localizado na Vila Morguenau, a inauguração do prédio em 1907 e iria abrigar o colégio que, posteriormente, seria o preferido da elite curitibana (COLÉGIO..., 1956, p. 30).

O avanço da cidade de Curitiba era notório. A cidade, nos primeiros anos do século XX já contava com de cerca de 50 mil habitantes, os quais tentavam adaptar-se ao novo século. E, foi assim, que a cidade recebeu o Colégio Nossa Senhora de Lourdes. As novas formas de pensar o mundo, oriundo do movimento Iluminista, traziam idéias de um progresso mais ligado ao desenvolvimento científico, ao mesmo tempo em que era moralizante. (PILLA, 1999, p. 4).

O processo educativo inspirava-se num processo civilizatório que advogava a favor do progresso e da moral. Via-se por todos os cantos o crescimento da

tecnologia, da ciência e a transformação dos costumes através da urbanização, cuja qual Curitiba não ficou de fora.

Da mesma forma que em Nova York e em outras cidades da época sentia-se a necessidade dessas reformulações urbanas, em todo o Ocidente foi levado a uma revisão dos conceitos dos planos da reorganização Urbs (PILLA, 1999, p. 07).

O projeto missionário da congregação incluía também a vinda de outras ordens, mas as Irmãs de São José com origem francesa davam outra perspectiva para as meninas da elite brasileira, que buscavam certo refinamento afrancesado. Até mesmo para os meninos carentes, que podiam estudar no colégio com o objetivo de preparação do sacerdócio, eram moldados pelo viés francês.

O Colégio Nossa Senhora de Lourdes, dirigido pelas Irmãs de São José era visto como uma conquista da cultura para o prestígio social, mesmo que nem todos os integrantes da elite fossem católicos. Aliás, o fato da sociedade brasileira buscar ideias modernizadoras, como os inspirados nos ideários franceses, gerou a necessidade de desenvolver um ensino laico, mas em nenhum momento foi feita a exclusão de uma instrução pautada nos dogmas católicos (PILLA, 1999, p. 57).

Ainda na perspectiva de modernizar o país através da Educação, a proposta do Projeto Educacional presente no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, no que diz respeito à formação das moças, passou a ter uma maior preocupação, sobretudo para obedecer aos princípios da Igreja Ultramontana².

Por conseguinte, se integrava em um todo maior que era a própria teoria educacional desenvolvida e divulgada pela hierarquia da igreja Ultramontana. No Brasil, essa teoria foi se consolidando ao avanço dos defensores da política liberal-republicana e a sua proposta de uma educação leiga a cargo do Estado (MANOEL, 2008, p. 65).

Faz-se necessário uma ressalva para melhor compreendermos o modelo educativo da Congregação das Irmãs de São José no século XIX. O processo educativo seguia o projeto de romanização. De modo exemplar, no Brasil, este projeto foi colocado em prática pelo Bispo D. Antônio Joaquim de Melo, defensor da

² “Ultramontano” ou “romanização” é o termo utilizado pela historiografia para definir o movimento conservador da Igreja Católica. Sua origem é francesa, significando para além dos Alpes rumo a Roma, indicando o centralismo na autoridade do Papa.

Igreja Ultramontana. Seguindo a perspectiva de tal modelo educativo, os colégios e escolas deveriam encarregar-se de uma educação moral, respeitando os ditos papais.

Será nessa direção, de defesa da Igreja com a autoridade na condução da sociedade em matéria moral, mas subordinada à autoridade Papal e, na medida do possível, com autonomia em relação ao Estado; fechado a tudo aquilo que a modernidade traria consigo (posto que entendia-se que nela praticamente nada era bom); e empenhado no reconhecimento da autoridade do Bispo sobre seu clero e seus diocesanos, que Dom Antonio Joaquim de Melo pautaria sua ação à frente da Sé Paulista. Entretanto, havia um grande abismo que separava suas aspirações ultramontanas da realidade em que ele estava inserido, o que conferirá à sua ação um caráter reformista, isto é, de intervenção modificadora (DOS ANJOS, 2013, p. 03).

Não por acaso, a teoria ultramontana ou romanização, dava a oportunidade de uma educação às jovens com segurança, resguardando aos controversos a modernização. Nesse sentido, o Colégio das Irmãs de São José passou a contribuir com os anseios dos conservadores que temiam a modernização da sociedade.

Entretanto, no que diz respeito ainda à questão da produção de conhecimento, de todas as formas de lutas empreendidas pela Igreja o controle do sistema educacional, especialmente a feminina, foi talvez a mais importante (MANOEL, 2008, p. 53).

Certamente, Foi um momento em que a elite contribuiu para uma educação elitista. O mundo moderno, que insistia em transformar homens e mulheres em instrumentos de trabalho, colaborando para o avanço do país, encontrava empecilhos na Igreja, que defendia a cristianização da sociedade por meio do controle do saber e, a Educação Feminina, seguia estes princípios.

4 O BERÇO DA EDUCAÇÃO FEMININA NO PARANÁ: O ENSINO NO COLÉGIO NOSSA SENHORA DE LOURDES

4.1 Os primeiros tempos do Colégio Nossa Senhora de Lourdes³

No final dos anos de 1850, a necessidade de fundar um noviciado de São José na diocese de Dom Camargo de Barros tornou-se urgente. O local escolhido foi uma chácara próxima ao centro de Curitiba. O ambiente era um recanto, que parecia ter sido preparada para ser o berço de uma família religiosa. A chácara com 15 hectares e uma casa de campo sugeria estar abandonada devido às condições em que se encontrava (PILLA, 1999; CARDOSO FILHO, 2009).

Quase quatro décadas se passaram até que o Reverendo Padre Michel, vindo do Rio Grande do Sul, resolveu adquirir a propriedade, mas o proprietário não demonstrava interesse em vender. Entretanto, com o passar do tempo e através de alguns contatos realizados com o dono do terreno, a vontade em negociar foi manifestada (COLÉGIO..., 1956, p. 22).

No entanto, surge uma dificuldade, o capital. O problema não seria resolvido de outro modo, senão com o valor que decaiu em decorrência de um incêndio que acometeu a chácara e se alastrou pelas imediações, destruindo tudo o que estava por perto. Desse modo, a propriedade foi comercializada com um valor mais baixo.

Todos esses acontecimentos culminaram com a vinda das noviças de Moutiers para o Brasil, as quais foram acompanhadas pela Superiora provincial e mais cinco jovens que embarcaram para o Brasil a bordo de um navio denominado de “*La Plata*”. Em 1º de janeiro de 1901, as fundadoras do futuro Colégio Nossa Senhora de Lourdes chegam ao recanto “[...] cajuruense: o Cajuru – morada querida a todos os corações, vivenda incomparável e deliciosa onde é tão bom a gente se rever, tão doce viver, e onde será tão consolador morrer!” (COLÉGIO..., 1956, p. 23).

³ Para compor este capítulo, utilizamos como fonte o Histórico do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, intitulado: ***A Congregação das Irmãs de São José no Cincoentenário do Colégio Nossa Senhora de Lourdes***. A obra, que se mostra através de um manual, é atribuída a Madre Léonie Blanchet, uma das gestoras do colégio. e data de 1956, porém, a informação da autoria não é confirmada.

Com isso as missionárias encontraram ali, 'um simples e gracioso chalet campezero, com bonitas janelas verdes e teto denticulado. No andar térreo, seis pequenas peças e sótão que se transformou em dormitório. Móveis simples, apenas o necessário' (COLÉGIO..., 1956, p. 23).

O próprio Dom Camargo veio saldar o “pequeno rebanho” e dar-lhes suas bênçãos e foi recebido na sala de honra. O *chalet* de São José situava-se no centro de um pátio, rodeado de eucaliptos e cedros que sombreavam o local e em dia de festa abrigava as religiosas nos momentos de recreio. O restante do terreno era mata impenetrável e virgem. Dessa maneira os primeiros tempos do Colégio exigiram dias de trabalho. A principal peça a ser levantada foi convertida em capela no dia 2 de fevereiro de 1901, dia de festa no Cajuru com a participação de famílias e Dom José de Camargo, assistido por Monsenhor Alberto Gonçalves, o padre local que benzeu o pequeno santuário e também o sino, que desde então anunciava a hora da Ave Maria aos moradores do recanto (COLÉGIO..., 1956).

O local construído passou a receber já no ano de 1901 as crianças recolhidas e que seriam cuidadas pela Superiora da Santa Casa, Reverenda Mère Léonie Blanchet. Em 31 de junho de 1902 foi colocada a primeira pedra na casa Provincial pelo Reverendo Padre Anxionnaz, que veio como capelão para o Brasil juntamente com as primeiras missionárias de São José, e que exercia seu ministério na Santa Casa de Curitiba.

Os relatos presentes no Histórico da Congregação das Irmãs de São José no Cincoentenário do Colégio Nossa Senhora de Lourdes (1956), dão conta de que no bairro do Cajuru a vida era campestre e patriarcal. Exemplarmente, o Reverendo Padre Michel trabalhava de lenhador ou lavrador e com seu machado e chapéu de abas largas. As Irmãs, noviças e postulantes, cada uma com sua aptidão, ajudavam empunhando pá, enxada, ancinho ou foice.

A Reverenda Madre Provincial, Mère Léonie Blanchet, acumulava todos os cargos: superiora, mestra das noviças, geômetra, arquiteta, engenheira e, às vezes, até pedreira e carpinteira. Suas funções foram reconhecidas em 26 de julho de 1928, quando Presidente da República Francesa recompensou oficialmente a insigne e organizadora principal da missão religiosa no Brasil, a qual, segundo ele, “não poupou” para ganhar almas para Deus, denotando o quanto honrava sua nação francesa. A Mère Léonie foi atribuída o título de “*Chevalier de La Légion d’ honneur*”. Foi entregue uma cruz, solenemente no Cajuru no dia 15 de novembro do mesmo

ano pelo Cônsul Francês, na presença da Superiora Geral da ordem, Mére Jeanne Victoire, que estava em visita no Brasil. Notoriamente,

A Revda. Madre Léonnie exerceu por duas vezes o cargo de Provincial (1901-1922 e 1928-1937). Todos os que dela se aproximavam tiveram a ventura de apreciar os tesouros inexauríveis de sua bondade e de participar de sua benfazeja amizade (COLÉGIO..., 1956, p. 28).

O orfanato inspirado pela Mère Léonie cresceu e desenvolveu diante de obras de caridade. A partir de 1930 passou a receber anualmente subvenção do Governo do Estado e da Prefeitura. O prédio pertencente às Irmãs de São José era um local de destino para a assistência social e, ao mesmo tempo, protegia suas internas com alimentação, vestuário, estudo primário, assistência médica e dentária.

O quadro exposto não diferia de outros cantos do país, que sob a égide do discurso progressista do final do século XIX, fizeram surgir às primeiras escolas que adentraram o século XX. Tais escolas não tardaram para chegar a Curitiba. Os colégios religiosos, principalmente os femininos, tinham o objetivo de iniciar um processo de ensino voltado para um polimento social e cultural. Nesse âmbito foi criado o Colégio Nossa Senhora de Lourdes, com o objetivo primeiro formar pelos valores católicos.

Ressalta-se que, naquele momento, primeira década do século XX, ainda se cultivava o modelo oitocentista de educação, sendo que o ensino para as mulheres era aceito, mas com muita resistência. A educação e o ensino do Colégio Nossa Senhora de Lourdes deixaram um legado singular, reservando para Curitiba as meninas, moças e mulheres mais polidas da sociedade paranaense.

4.2 A Educação Feminina no Colégio Nossa Senhora de Lourdes

Entre as fundações empreendidas por Madre Léonie, o mais conhecido é o Colégio Nossa Senhora de Lourdes. No ano de 1906 com a utilização do pensionato que funcionava em anexo com o Colégio, as irmãs contavam com apenas seis crianças que eram educadas no sistema de internato.

Ao que tudo indica, a má impressão dada pelo regime de internato se desfez brevemente, já que o número de crianças presentes na instituição mais que dobrou em 1907, fazendo-se necessário a construção de mais um prédio pequeno.

Com função missionária, a irmã que se encarregou das funções educativa foi Mère Julié, que chegou ao Brasil em 1905 e se entregou na direção do Pensionato para desempenhar diversas funções, desde as administrativas até as outras em que era requerida. Sua afinidade com as alunas fez com que no ano de 1949, a mesma fosse homenageada ao paranimfar uma turma do colégio. O discurso pronunciado pela oradora oficial dizia:

Mère Julia: vos mereceis fulgurar na galeria dos pioneiros educadores, vanguardas da civilização, no engrandecimento do Brasil! Este nosso sonho e de nossos pais, que vos admiram, veneram e agradecem, não é mera ilusão, ele é aspiração justa que, em breve, se há de realizar (COLÉGIO..., 1956, p. 32).

Em 27 de abril de 1952, o Governador do Estado, Dr. Bento Munhoz da Rocha Neto, a condecorou em nome do Senhor Presidente da República, como a religiosa Mère Julia do Cajuru. Mère Julia, ostentando uma medalha da “Ordem Nacional do Mérito”. Para além, recebeu ainda o título de “Cidadã honorária de Curitiba”, agraciada por um ato do Sr. Erasto Gaetner, prefeito da capital Paranaense, “pelos relevantes serviços prestados ao setor educacional da cidade”. (COLÉGIO..., 1956. p. 32)

O trabalho iniciado por Mère Julié foi significativo, pois foi capaz de fazer ascender um pensionato que num primeiro momento atendia pobres, para um colégio que, posteriormente, atendesse a elite curitibana. Membros da família tradicional de Curitiba passaram pelo colégio, o qual foi reconhecido oficialmente em 1933 levando o nome de Ginásio de Nossa Senhora de Lourdes.

Mas, um colégio religioso não poderia deixar de fora a construção de uma capela que pudesse atender a todos os seus alunos. Assim, foi construída uma nova capela, com estilo gótico, em 1924. O local era um centro confraternizador na aproximação das alunas com seus pais, amigos e benfeitores e também servia para as missas cantadas e para reuniões.

O Reverendo Padre Capelão residia em uma dependência à parte, a “capelania”. Durante 30 anos exerceu seu ministério de Capelão do Colégio, como

sucessor do Padre Michel que também foi condecorado com uma medalha de “*Chevalier de La Légion d’honneur*”.

O Ginásio se desenvolveu em ritmo acelerado. No ano de 1942 foi criado o Curso Científico que preparava para a Universidade. No período, mais de 50 alunas estudavam ali. As alunas estavam distribuídas nos três anos do Colégio e inúmeras formandas seguiram com sucesso os cursos de Medicina, Odontologia, Farmácia, Direito, Engenharia, Química e também Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

Em 1946, graças aos esforços do Exmo. Senhor Secretário da Educação e Dr. Homero de Barros, da faculdade de Filosofia da Universidade do Paraná, surgem a Escola Normal. Neste período o número total de internas chegou a 200 alunas. (COLÉGIO..., 1956, p. 36).

O Externato São José era “quase gratuito” para as crianças do bairro e funcionava numa seção à parte. Esse novo Cajuru era quase uma pequena cidade, com muitas dependências, pátios, jardins e com numerosas corporações: internato, semi-internato, externato, orfanato e noviciato.

Um pequeno mundo que palpitava febril, e conta, sem cessar, louvando o criador, através seus múltiplos e variados centros de atividades, convergindo todos, irmanados, para um mesmo e sublime ideal: ‘Ad Maximam dei Glorium!’ (COLÉGIO..., 1956, p. 36).

O Colégio oferecia três ônibus à disposição das semi-internas, um caminhão, um *jeep* e caminhonete para lugares mais distantes. Aparelho cinematográfico moderno, radiola e rádio para ouvir missas e programas religiosos aos domingos. Do mais, contava ainda com um centro esportivo que recebeu o nome de “Joana D’Arc” e era voltado não só para a prática da educação física, mas para as atividades farmacêuticas, gabinete dentário e médicos; enfermaria. No centro possuía ainda uma biblioteca “Sedes Sapientiae”, reunindo as estudosas de Filosofia, Ciências e Letras. Alunas de música, pintura, desenho, datilografia, corte e costura.

Em 1956, o colégio contava com novecentas alunas. Temos assim que “o número de alunas cresceu para o Cajuru e o Cajuru também cresceu pra elas!” (COLÉGIO, 1956, p. 37). As construções incluiu um centro poliesportivo que também contava com a presença de “Um centro cívico literário, comemorando dignamente a passagem das datas que recordam os grandes feitos e os grandes homens!” (COLÉGIO..., 1956, p. 37).

No Cajuru a religiosidade era pensada em tempo integral, nesse sentido, havia a presença de um Centro de Ação Católica, visando formar uma juventude cristã, com suas festas tradicionais, em prol das missões. Nas gerações de meninas formadas no colégio, muitas seguiram a vida religiosa e outras o estado matrimonial. Nomes singulares da elite curitibana ainda se fazem presente naquela sociedade. Algumas se tornaram exímias senhoras, mas inúmeras passaram a exercer o magistério. Estas faziam o Colégio acreditar que caminhava em passos largos para o progresso tão propalado.

Sempre avante, por Deus, pela Igreja, pela Pátria, e pela Humanidade, sob o Imaculado manto da Virgem de Lourdes, o Colégio caminha a passos largos para um futuro cheio de esperanças! (COLÉGIO, 1956, p. 39).

Até a década de 1930 o regime predominante no colégio era o internato. As duas décadas seguintes passaram a lidar com o regime de semi-internato, uma vez que com o crescimento da cidade, passou a existir uma maior facilidade no acesso pelos moradores da capital. As alunas que moravam longe continuaram em um regime de internato.

O livro utilizado pelas irmãs como instrumento pedagógico para auxiliar na aprendizagem levava o nome de, *“Livre de Piété de La Jeune Fille au Pensionnat Et dans as famille”*⁴ e foi publicado na França em 1895. O livro era escrito todo em francês, com ensinamentos de bom comportamento, que constituía em uma fonte de vivências cristãs a serem trabalhadas durante todo o ano. No livro podia se ler as regras de bom convívio a serem seguidos. O livro apresentava cinco partes: primeira: ações ordinárias do dia; segunda: exercícios espirituais; terceiro: deveres da religião; quarta: práticas de piedade; e, quinta parte: preces litúrgicas.

Dentre as regras contidas no livro de 1895, é interessante observar aquelas que se referem à prática do trabalho. O trabalho diário das alunas e das órfãs era comparado com a passagem das almas pelo purgatório. Ou seja, o trabalho terreno era uma forma de conquistar o paraíso. Dentre as atividades laborais, as órfãs mais

⁴ A edição localizada no Colégio Nossa Senhora de Lourdes é: SYLVAIN, Adrien (1826-1914). **Livre de Piété de La Jeune Fille au Pensionnat Et dans as famille**. Avignon: Aubanel Frères, 1895. A tradução do título é: *Livro devocional para meninas em pensionatos familiares*.

jovens tinham que fazer a limpeza geral do Colégio, enquanto alunas mais velha tocavam piano, faziam bordados e flores artificiais.

Para obter as virtudes era preciso pedir rezando, e a cada mês era feito uma homenagem a causas, como o oferecimento de uma graça para receber as bênçãos de Deus. Além disso, era necessário fazer orações especiais para afastar o pecado, dentre eles: a futilidade, o orgulho, a hipocrisia, a teimosia, a inquietude, a indolência, a fraqueza, a inconstância, a raiva, a zombaria, a suscetibilidade, a malícia, o mau-humor, a maldade, a desobediência, o ciúme (PILLA, 1999, p. 64).

A educação empreendida no Colégio levava em consideração o temor, que garantia a vigilância constante e o alcance da educação necessária para conquistar o amor de Deus e sua perfeição. As virtudes católicas estavam sempre presentes na vida das alunas, onde o comportamento social e moral cristã andavam sempre juntos.

Em 1930, o pavilhão do colégio foi mais uma vez reformado e em 1933 o edifício passou a contar com dois vastos pavilhões construídos segundo as exigências de arquitetura de ensino e higiene. A candidata à vaga para o internato exigia certidão de nascimento, atestado de vacinação recente e a caderneta de saúde e não recebiam meninas expulsas de outros colégios.

As mensalidades eram consideradas altas e, além disso, a aluna matriculada deveria depositar uma jóia e uma taxa de matrícula. Os pagamentos eram adiantados e por motivo de ausência não seriam devolvidos e também era cobrada uma taxa para o material.

O uniforme obrigatório: um vestido de sarja de lã azul marinho; um vestido de brim azul marinho; uma blusa branca, dois aventais pretos de mangas compridos; dois gorros, um chapéu e um casaco azul marinho. Somando tudo, o enxoval era composto de: oito camisas, quatro camisas de dormir, duas camisas de banho (chita): oito calças, seis saias brancas, quatro toalhas de rosto, duas toalhas para banho, seis guardanapos (60 cm x 60 cm); doze lenços, doze pares de meias pretas, duas camisas de meia, quatro lençóis (2m 25 cm X 1m 80 cm), quatro fronhas, um travesseiro, cortinado de filó, sem armação (3m x 4m), uma colcha branca, um ou dois cobertores de lã, um acolchoado, dois pares de calçados pretos, dois pentes (fino e de alisar) e escovas para limpá-los, um par de luvas brancas, um colchão para ginástica, um par de sapatos para tennis, duas camiseta, escovas, sabonetes, tesourinha, talher de prata ou de cristofole, copo e argola para guardanapo.

O Colégio também oferecia serviços médico-odontológicos e havia um médico Dr. João Cândido Ferreira (professor Catedrático de Clínica Médica da Faculdade de medicina do Paraná). O dentista Dr. Raul Brandt, uma farmacêutica e enfermeira, a Irmã Sofia Paro; o serviço dentário era feito um orçamento e depois enviado aos pais e o pagamento deveria ser adiantado. Havia também uma farmácia e uma biblioteca, laboratório de química e um grande pátio para exercícios físicos. No subsolo ficava a casa do padre, Capelão do colégio; de 1922 a 1963, Maurício Dunard, o “Mon Père” e saindo pelo pátio uma gruta com a imagem de Nossa Senhora de Lourdes e uma capela onde eram realizadas missas diárias para as alunas. Antes das refeições; depois do almoço rezavam na gruta, antes de dormir e ao acordar; o sino tocava às 18 horas, e ao amanhecer se arrumavam e faziam uma rápida oração. O banho não era diário, apenas duas vezes por semana, vestidas com uma camisola e uma irmã ficava vigiando. Na hora do recreio, não era permitido que duas alunas ficassem sozinhas, sempre em grupos e no final da tarde as aulas de trabalhos manuais ensinava o trabalho com as agulhas, bordado e também a culinária e só poderia conversar em francês. Um trabalho que preparava as meninas como futuras donas de exigia capricho e paciência (PILLA, 1999, p. 89). A autora explica ainda que,

O Livre de Pieté de La Jeune Fille prevê: Por mais minuciosa que ela seja, por mais inútil que vos pareça, deve-se exercer sempre a costura: o trabalho de rouparia perfeitamente executado faz, o remendo meticuloso, unido à prática da limpeza, voz coloca diante das funções de dona de casa a que vocês são determinadas (PILLA, 1999, p. 93).

O Colégio Nossa Senhora de Lourdes era conhecido em todo o Brasil como “Colégio Cajuru”, que era o nome do bairro, mas hoje é chamado de Cristo Rei. Finalmente em 1932, aconteceu a instalação do Curso Ginásial, que possibilitava as meninas o “Certificado Oficial”. A primeira turma em 1932 com estudos preparatórios se iniciaram com algumas irmãs como alunas. O curso Ginásial tinha a duração de cinco anos com um programa extenso e com muitos conteúdos e permitia o ingresso em cursos superiores, depois do vestibular.

O salão nobre, onde eram feitas as formaturas ou “colação de grau” foi construído em 1935. O curso clássico e Científico iniciou em 1963 porque as alunas foram atraídas para o Curso de Educação Familiar, muito famoso em Curitiba. Em

1946 a Escola Normal começou a funcionar e muitas irmãs concluíram o curso e sua adaptação foi feita em 1971 de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases (5692/71), passando a ser considerado “Curso de Magistério” e “Assistente de Administração”. Em 1944 o prédio “Sagrado Coração de Jesus” é construído, onde até hoje está em pleno funcionamento com outros cursos.

O semi-internato foi fechado em 1962 pela falta de irmãs para atender tanto trabalho, as mesmas precisavam dar muitas aulas, atender o recreio, refeitórios e banhos. Até 1935 eram somente as irmãs que lecionavam e faziam todos os trabalhos com as alunas. Neste mesmo ano foi contratado o primeiro Professor de física e química, Idelfonso Clemente Puppi, que atuou por 26 anos no Colégio, irmão das Irmãs Ana Cecília e Laurita Puppi.

Muitas obras de caridade eram organizadas no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, em 1910 foi organizado a “Associação das filhas de Maria”, com o objetivo de incentivar a caridade entre as alunas. Foi uma organização em favor dos pobres com a finalidade de ajudar as famílias carentes da redondeza onde envolvia pais, alunos, professores e irmãs onde arrumavam também emprego para os membros que podiam trabalhar; arrecadar roupas, alimentos, remédios e brinquedos.

O secundário ou Ginasial adotavam programas oficiais organizados pelo departamento nacional de ensino e como complementação, o currículo apresentava aulas de piano, violino, pintura, flores, bordados à máquina, escrituração mercantil, datilografia, steniografia. (PILLA, 1999, p. 98).

As alunas estudavam em período integral e o ano letivo começava em fevereiro e terminava em dezembro. O curso primário começava em março até meados de dezembro. Os boletins ofereciam notas das disciplinas “qualitativas” que avaliavam o comportamento e polidez. Como se podia esperar, a aula de polidez preparava as meninas para se comportarem bem diante da sociedade, desempenhando seu papel de boas donas de casa e mãe de família. Esse tipo de aula acontecia nos sábados e o conteúdo variava em ensinar desde a postura, ao comportamento adequado diante de algumas situações no relacionamento com os homens e pessoas de mais idade. Ensinava-se ainda a postura à mesa e boas maneiras em reuniões e festas; como se vestir e delicadeza no vocabulário.

No ano de 1937, praticamente trinta anos depois de sua constituição, o Ginasial oferecia para o primeiro ano, as disciplinas de Educação Física, Português,

Ciências Naturais, Matemática, Francês, Educação Moral, Geografia, História da civilização, Desenho, Canto e Caligrafia. No segundo Ginásio eram oferecidas as disciplinas de Educação física, Inglês, Francês, Português, Desenho, Matemática, Educação Moral, História da Civilização, Canto Solfejo e Orpheon e Geografia. Na terceira série era o Francês, Português, Química, Inglês, Desenho, História Natural, Física, Canto e Solfejo, Matemática, Geografia, Educação Moral e Educação Física. Para quarta série, Educação Física, Geografia, Química, Física, História da Civilização, Latim, Desenho, Inglês, Francês, Português, História natural, Canto e Solfejo e Educação Moral. Na quinta e última série, educação Física, Química, Português, Higiene, Matemática, Geografia, Economia Doméstica, Educação Moral e História Natural (PILLA, 1999, p. 99).

Visitas e saídas do Colégio só com a autorização dos pais das alunas e com horários determinados anteriormente, e todos os domingos as alunas escreviam uma carta para a família. Os passeios eram semanais, entre eles piquenique no hospício para treinar a lição de caridade na relação com as pessoas doentes e o meio de transporte utilizado era o trem. Todas as quintas feiras os passeios eram de ônibus nos arredores da cidade.

Em caso de desobediência as ordens do Colégio eram chamadas a atenção publicamente. Outra forma de punir era obrigar com que as alunas estudassem um determinado conteúdo e corrigisse a postura, sem dizer que o comportamento desviante faria com que a aluna perdesse o distintivo de bom comportamento e a retirada do nome no quadro de Honras. Do mais, poderia perder a permissão da saída mensal ou até a expulsão do estabelecimento de ensino. (PILLA, 1999, p. 106).

As alunas mais aplicadas eram premiadas em cerimônia com a participação de toda a turma com entrega de medalha de honra e as notas passadas semanalmente. O boletim bimestral era enviado aos pais e os prêmios especiais no final do ano. Toda semana, aos sábados, a aluna premiada recebia sua medalha, podendo ser novamente premiada na semana seguinte. A cerimônia era realizada em sala de aula onde Mère Julié chamava aluna por aluna, conforme seu comportamento e entregava, ou não, a Cruz⁵ onde qualquer deslize em relação ao estudo era o suficiente para não receber.

⁵ A Cruz de Honra recebia uma fita de cor diferente conforme a série que cursava e depois de ter recebido a Cruz durante quatro semanas seguidas, tinha o direito de ter o nome no quadro de honra e

As alunas também não podiam ter mais que duas notas vermelhas e o cuidado pessoal também eram reconhecidos, como unhas e ouvidos limpos, sapatos engraxados e uniformes engomados. Tudo contava nota e eram recompensadas com alguma visita importante e as mais impecáveis poderiam escolher o visitante.

O Inspetor de Ensino Secundário do Estado do Paraná visitou o Colégio em 1934 e elogiou seu ambiente onde cumpria rigorosamente o dever da ordem. Raramente era preciso aplicar as penalidades. Aliás, os inspetores chegavam a mencionar o comportamento como exemplar. O Colégio era muito visitado por pessoas ilustres, que registravam em um livro suas impressões em relação ao estabelecimento e sobre seus professores.

Esse modelo de educação era necessário para aprender a viver diante do mundo externo onde o conservadorismo das primeiras décadas do século XX, ainda lembrava o patriarcalismo do final dos oitocentos. Assim, as moças eram ensinadas a partir dos limites e virtudes para enfrentar a sociedade, sabendo se comportar como mães, esposas ou professoras na continuidade dos ensinamentos recebidos como perfeitas representantes das Irmãs de São José.

ganhava uma rosa com fita amarela e branca no peito. O nome que recebeu essa honraria foi dado carinhosamente pelas alunas de “ovo frito”, mas era muito difícil receber essa medalha.

CONCLUSÃO

A história do Colégio Nossa Senhora de Lourdes evidencia para a Educação Paranaense um exemplo das condições doutrinárias a quais as mulheres foram submetidas a partir do século XIX e que deixou seu legado para o século XX. No momento de sua constituição, a sociedade exigia um comportamento mais restrito das moças diante do propalado progresso. Naquele contexto, a participação da mulher estava voltada para a constituição da família.

No findar do século XIX, o Estado e a elite política passaram para a Igreja Católica a tarefa de doutrinar a sociedade, baseando-se nos interesses de um modelo social requintado, ou ainda, afrancesado. Os membros abastados daquela sociedade, ou seja, fazendeiros, comerciantes, dentre outros, apoiavam um modelo conservador de educação e, nesse caso, a mulher deveria ficar afastada dos efeitos da modernidade. As filhas do segmento abastado, que em grande medida decorriam do antigo patriarcado, deveriam receber um ensino voltado para o trabalho doméstico e a educação dos filhos e não poderia se profissionalizar, como foi visto no Colégio Nossa Senhora de Lourdes de Curitiba.

Quando iniciou suas atividades educativas, o Cajuru somente oferecia o ensino sob o regime de Internato, com um programa curricular mínimo, estabelecido pelo Estado e que seguia o modelo francês. Contudo, quando as jovens saíam de lá, passavam a integrar o rol de pessoas ditas cultas, com todas as suas exigências para constituir uma perfeita estrutura familiar. Focada na educação mais refinada, de cultura ampla e cristã.

O Ginásio no Cajuru foi conhecido reconhecido oficialmente em 1930, que até então oferecia o primário, no qual preparava as alunas para o exame de admissão para iniciar o curso normalista. O Currículo estava além de ensinar as disciplinas que na atualidade entendemos como científicas.

As irmãs da Congregação de São José souberam entender o novo contexto, onde o aumento da população e as diferenças culturais eram correntes, preocupando aqueles que viam possibilidades de desvio de condutas na ordem posta. Com a falta de escolas para educar as crianças no bairro em Curitiba, cidade do interior e da Capital, foi criada o Colégio Nossa Senhora de Lourdes e se iniciou

como um “Pensionato-Escola”. Situado na propriedade do Cajuru, na Avenida São José, 199, Bairro Cajuru, atualmente chamado Cristo Rei.

Em visita ao Colégio, e na oportunidade, entrevistando as professoras que rememoram a instituição, podemos perceber que o Colégio Nossa Senhora de Lourdes teve participação enfática para o ensino da capital paranaense, Curitiba. Mas também se tornou um modelo educativo, conforme denotam os documentos que estão em poder das gestoras. Recentemente, no ano de 1998, o Colégio Nossa Senhora de Lourdes passou por mudanças e passou a se chamar Colégio Bom Jesus.

A organização e a disciplina do Colégio continuam com varas características que ainda lembram o ensino doutrinário e católico empreendido pelas primeiras irmãs; algumas delas, apesar da idade avançada, ainda trabalham e ajudam na administração, contando sobre suas experiências e transformações com a chegada da modernidade.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Angela. **Ideias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil- Império**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ANJOS, Juarez José Tuchinski. A Educação da Criança nas Proposições de D. Antonio Joaquim de Melo em suas Cartas Pastorais (Diocese de São Paulo, 1851-1861). In: VII CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 7, Cuiabá. **Anais...** Cuiabá, SBHE-UFMT, 2013. v. 1. p. 01-15. Disponível em: <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7>>. Acesso em: 15 jul. 2013.

OLIVEIRA, Lilian Sarat. Educação e religião das mulheres no Brasil do século XIX: conformação e resistência. In: FAZENDO GÊNERO – CORPO, VIOLÊNCIA E PODER, 8, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, 2008. p. 01-05. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST27/Lilian_Sarat_de_Oliveira_27.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2013.

CARVALHO, José Murilo de. **Nação e Cidadania no Império: novos horizontes**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

CARVALHO, José Murilo de. As conferências radicais do Rio de Janeiro. In: _____. CARVALHO, José Murilo de. **Nação e Cidadania no Império: novos horizontes**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 17-41.

CARDOSO FILHO, Ronie. **São José: o colégio de Castro (1904-1994)**. 2009. 312 f. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

COLÉGIO NOSSA SENHORA DE LOURDES. **A Congregação das Irmãs de São José no Cincoentenário do Colégio Nossa Senhora de Lourdes**. Curitiba: Papeleria Requião, 1956.

COSTA, Emília Viotti. **Da Monarquia à República. Momentos Decisivos**. 6ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

MANOEL, Ivan Aparecido. **Igreja e Educação Feminina (1859–1919)**. 2. ed. Maringá. EDUEM, 2008.

NORONHA, Andrius Estevam. Análises teóricas sobre a categoria “Elite Política” e seu Engajamento nas Instituições da Comunidade. **Revista Barbarói – Revista de Ciência Humanas e Psicologia**, Santa Cruz do Sul, n. 29, p. 24-45, jul./dez. 2008. Disponível em: < <http://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/463/617>>. Acesso em: 15 jul. 2013.

PILLA, Maria Cecília B. A. **Escolas de Virtudes e Sociabilidades no Colégio Cajuru (1907–1942)**. 1999. 131 f. Mestrado (Mestrado em História). Pós-Graduação em História. Departamento de História da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1999.

CARDOSO FILHO, Ronie. **São José: o colégio de Castro (1904-1994)**. 2009. 312 f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

OLIVEIRA, Lilian Sarat. Educação e religião das mulheres no Brasil do século XIX: conformação e resistência. In: FAZENDO GÊNERO – CORPO, VIOLÊNCIA E PODER, 8, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, 2008. p. 01-05. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST27/Lilian_Sarat_de_Oliveira_27.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2013.

ANEXOS

ANEXOS 1: Cronograma com as datas significativas para a instituição da Congregação das Irmãs de São José e do Colégio Nossa Senhora de Lourdes.

ANEXOS 2: Diploma do Colégio Nossa Senhora de Lourdes de Jackeline Hosner Borges do Curso de 2º Grau: Habilitação Profissional de Magistério – Secretaria de Estado da Educação. Convênio MEC – SEED, Portaria Ministerial N°629, de 26 de Novembro de 1981. Diploma Registrado nº 66687. Livro 53, fls.71. Curitiba 03/ abril / 1986.

Histórico Escolar do Ensino do 2º Grau Regular

ANEXOS 2: Fotografia do terreno no Cajuru, onde foi construído o Colégio Nossa Senhora de Lourdes, do lado interno em 1902.

Fotografias do fundo do terreno no Cajuru vistos pela Cidade de Curitiba, em 1900.

Fotografia da primeira Diretora do Pensionato Nossa Senhora de Lourdes, Irmã Mère Julia.

ANEXOS 3: Fotografia do Convento São José em Curitiba, em 2013.

Placa com o endereço, colocada do lado de fora do Convento.

Um hospital dentro do Convento, onde as Irmãs que ainda permanecem no Colégio, com idade avançada e doente recebem cuidados médicos.

Alunas com o uniforme usado pelo Colégio.

Transporte escolar do Ginásio Nossa Senhora de Lourdes.

Capela São José, faz parte do Colégio.

Gruta de Nossa Senhora de Lourdes, localizado no pátio do Colégio.

A Oliveira, que as Irmãs de São José trouxeram do Monte das Oliveiras e plantaram no Colégio.

ANEXOS 1

CRONOGRAMA⁶

1648 – 15 de outubro, reúnem-se as cinco primeiras moças que iniciariam a Congregação das Irmãs de São José em Le Puy-en-Velay, França.

1651 – entrada oficial da Congregação na vida da Igreja da França.

1665 – Abertura das primeiras escolas voltadas para a educação da infância e juventude.

1674 – Luiz XIV, rei da França, confirma por carta os primeiros estabelecimentos.

1789 – durante a Revolução francesa, as Irmãs se dispersam e fecham suas casas. Algumas foram presas e cinco guilhotinadas.

1794 –27 de julho: a Irmã Mère Saint Jean Fontbonne foi libertada e inicia a renovação do Instituto de São José e da Igreja da França.

1806 – Mère Saint Jean foi chamada pelo Cordeal Fesch na Cidade de Saint Etienne, e na Metrópole de Lyon.

1812 – chega a Sabóia e nasce a comunidade de Chambéry.

1815 – 15 de janeiro, o Rei Luiz XVIII permite que seja instituída uma nova casa de irmãs: à casa de Montfrand.

1827 – 52 casas foram reconstruídas e fundadas.

1828 – 06 de julho: Reconhecimento legal da Comunidade de Moutiers e estabelecimento do Noviciado.

1830 – as primeiras missionárias chegam ao Brasil enviado por Mère Jean.

1856 – a Congregação se estabeleceu na América do Norte: São Luiz, Filadélfia, Hamilton e Toronto.

1858 – 18 de junho atendendo ao desejo do Bispo Monsenhor Melo de São Paulo; a Congregação presente na cidade de Chambéry enviou sete religiosas para a Brasil.

1894 – o primeiro Bispo do Paraná, D. José de Camargo Barros convidou religiosas para trabalhar na direção da Santa Casa de Curitiba.

1896 – 23 de junho partiram seis religiosas e dois sacerdotes cabelões para Curitiba no Paraná.

⁶ (Desde a Criação da Congregação das Irmãs de São José até a atual administração do Colégio Bom Jesus – Curitiba-Pr).

1897 – 14 de março seis Irmãs chegam a Guanabara.

1898 –18 de novembro mais um grupo chega ao Brasil com o capelão Rvdo. Padre Michel.

1901 –1º de janeiro, fundadoras do Colégio Nossa Senhora de Lourdes chegam ao Cajuru.

1901 – 2 de janeiro foi adquirida a primeira Capela do Cajuru.

1902 –31 de julho foi colocada a primeira pedra da Casa Providencial e abre-se o Noviciado no Cajuru.

1902 – Reconhecimento do externato de São José (Curitiba) e Paranaguá.

1903 – Criação do Hospício Nossa Senhora da Luz (Curitiba).

1905 – 24 de outubro parte rumo ao Brasil, no Paraná, a Irmã Julia Jarre.

1905 – Criação do Colégio de São José em Castro-Pr.

1906 – Criação do Colégio de São José (Lapa) e do Asilo São Vicente.

1907 – Irmã Julia Jarre é transferida para o Cajuru para assumir a Direção do externato São José.

1909 – Criação do Hospital “26 de Outubro” em Ponta Grossa.

1913 – Criação da Santa Casa de Misericórdia em Ponta Grossa.

1919 – Criação do Asilo São Luiz (Curitiba) e o Asilo dos Desvalidos em Petrópolis.

1936 – Criação do educandário Nossa Senhora Aparecida em Santa Catarina.

1937 – Criação da Escola Profissional para Operários em Petrópolis.

1928 – 26 de julho as Irmãs de São José recebem o título “ Chevalier de La Légion d’noneur” do Presidente da República Francesa.

1907 – foi construída a Gruta de Nossa Senhora de Lourdes.

1931 – foi construído um Pavilhão para acomodar um maior número de alunas.

1932 – iniciou a primeira turma no Ginásio Nossa Senhora de Lourdes.

1935 – é construído um novo Pavilhão com o Salão Nobre.

1942 – abertos os cursos Clássico e Científico.

1946 – começa a funcionar a Escola Normal.

1971 – a Escola Normal sofreu adaptações da Lei de Diretrizes e Bases (5692/71), passando a ser conhecido como “Curso Magistério” e “Assistente de Administração”.

1998 – A “Associação Franciscana Bom Jesus” passou a administrar o Colégio Nossa Senhora de Lourdes.

ANEXO 2

ANEXO 3

ANEXO 4